

CINEMA, LITERATURA E PEDAGOGIA SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A LEITURA A PARTIR DE *MR. PIP*

Letícia Queiroz de Carvalho

Instituição em que trabalho: Instituto Federal do Espírito Santo - Vitória
(Brasil)

ORCID: 0000-0003-0519-6746

RESUMO:

O artigo busca um diálogo entre a longa-metragem *Mr. Pip*, de Andrew Adamson e alguns elementos teóricos acerca da leitura, por meio do cotejamento entre a narrativa cinematográfica escolhida como corpus e as matrizes teóricas que subsidiam o campo da educação literária, ancoradas na perspectiva da leitura como resistência nos processos de formação humana, a partir das reflexões de Chiaretto (2002), Filho (2002), Petit (2009) e Todorov (2009), alinhadas aos pressupostos básicos da Pedagogia Social, destacando a sua dimensão sociocultural presente nos textos de Araújo (2012) e Caliman (2010). O diálogo entre o filme escolhido e alguns autores representativos das discussões sobre a formação do leitor sob a vertente teórica referenciada traz contribuições importantes para uma revisão crítica das práticas de leitura, destacando-as também como caminho de resistência.

PALAVRAS-CHAVE:

Cinema. Formação humana. Leitura. Mr. Pip. Pedagogia Social.

RESUMEN:

El artículo pretende un diálogo entre el largometraje Mr. Pip, de Andrew Adamson y algunos elementos teóricos sobre la lectura, a través de la comparación entre la narrativa cinematográfica elegida como corpus y las matrices teóricas que subvencionan el campo de la educación literaria, anclada en la perspectiva de la lectura como resistencia en los procesos de formación humana, a partir de las reflexiones de Chiaretto (2002) y Filho (2002) y Petit (2009) y Todorov (2009), alineados con los supuestos básicos de la Pedagogía Social, destacando su dimensión sociocultural presente en los textos de Araújo (2012) y Caliman (2010). El diálogo entre la película elegida y algunos autores que representan las discusiones sobre la formación del lector bajo la perspectiva teórica referida aporta importantes contribuciones a una revisión crítica de las prácticas de lectura, destacándolas también como un camino de resistencia.

PALABRAS CLAVE:

Cine. Formación humana. Lectura. Mr. Pip. Pedagogía Social.

1. Considerações iniciais

Escola e cinema vêm, de longa data, estabelecendo diálogos potentes no que tange à perspectiva didático-pedagógica das atividades educativas, ampliando as experiências de linguagem nas situações educacionais que se apresentam no universo escolar, ora problematizando no escopo pedagógico as questões sociais mimetizadas nas narrativas cinematográficas, ora provocando debates da maior relevância, na cena educacional, acerca dessas mesmas questões quando apresentadas de forma realista nos filmes documentais.

Ainda no campo educacional, a pluralidade de debates e estudos atinentes ao campo da Literatura e Educação tem provocado questionamentos sobre a funcionalidade da leitura no universo escolar, destacando-se o potencial formativo dos textos ficcionais no que tange às práticas de leitura e escrita, muitas vezes descoladas de uma reflexão mais ampla sobre a cultura e o contexto social em que se constituem as relações entre os autores, os livros e os leitores.

Diante da evidente necessidade da interlocução entre a literatura e outras linguagens que potencializem a reflexão sobre a formação humana, propomos, neste artigo, uma interlocução entre a narrativa cinematográfica *Mr. Pip* de Andrew Adamson (2012), e algumas matrizes teóricas ancoradas na perspectiva da leitura como resistência nos processos de formação humana, a partir das reflexões de Chiaretto (2002), Petit (2009) e Todorov (2009), principalmente por vermos nos escritos desses autores importantes elementos teórico-pedagógicos que extrapolam o debate sobre a leitura, em alguns cenários, ainda enclausurado em prescrições curriculares desarticuladas da compreensão político-social. Em nossa interlocução teórica, buscaremos apoio também nos pressupostos básicos da Pedagogia Social em sua perspectiva crítica, destacando a dimensão sociocultural desse campo de estudos presente nos textos de Araújo (2012) e Caliman (2010).

Nosso texto será organizado em três seções: a primeira “Literatura e cinema: diálogos com *Mr. Pip*”, a partir da qual apresentaremos a síntese do filme e os principais elementos, em sua edificação, provocadores de uma reflexão sobre a leitura. A seguir, teceremos um diálogo com autores representativos da crítica literária e do campo teórico da Pedagogia Social, que nos auxiliem na compreensão da leitura como processo de formação humana, na seção “Sobre literatura e Pedagogia Social: considerações a partir de *Mr. Pip*”. Ao final, traremos em “Apontamentos para discussão”, provocações tecidas em nosso percurso argumentativo, por meio da sistematização do nosso cotejamento teórico, de modo a subsidiar discussões que tenham por foco a reflexão sobre as práticas de leitura na perspectiva que ancorou o nosso texto e os seus desdobramentos quando alinhadas às produções cinematográficas.

2. Literatura e cinema: diálogos com *Mr. Pip*

Em qualquer esfera social em que seja utilizado, o cinema inscreve-se como um elemento pedagógico, formativo e alteritário, se pensarmos na pluralidade de fruições advindas da sua socialização, seja em espaços formais ou não formais de educação, como afirma Scarassatti (apud HOLLEBEN, 2008, p.6)

O cinema, em qualquer campo em que seja aproveitado, desenvolvido, produzido ou consumido, é sempre educativo e formativo. É formal, na medida em que a sala de projeção é o espaço da socialização e divulgação do filme; ao mesmo tempo é não-formal, pois é espaço de alteridade em relação à escola e, também, informal, pois é espaço de fruição singular e plural, porque é grupal.¹

Um bom exemplo desse potencial formativo é a longa-metragem *Mr. Pip*, de Andrew Adamson, inspirado no livro do jornalista Lloyd Jones: *O Sr. Pip*, produzido a partir da cobertura da guerra civil na década de 1990, na ilha de Bougainville, realizada por Jones. Situada entre Papua - Nova Guiné e as ilhas Salomão, esta ilha foi isolada, por ordem do governo, e os seus habitantes ficaram sem rádio, sem jornal, sem eletricidade e sem escola². Essa experiência histórica caótica foi reelaborada pelo jornalista Lloyd Jones, ao criar uma narrativa ficcional envolvendo o Sr. Watts, que inesperadamente se torna professor e convida as crianças da ilha a retornarem para a sala de aula, ambiente em que inicia, em condições precárias, a leitura do único material didático disponível: o clássico *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens.

É por meio desses encontros, que professor e alunos são conduzidos ao mundo ficcional e procuram amenizar o sofrimento causado pela guerra em sua região.

A narrativa cinematográfica *Mr. Pip*³, lançada em 2012, homônima do livro que a inspirou, traz para a tela o universo da pequena ilha de mineração - Bougainville - abandonada pela maioria dos seus moradores assolados pela guerra civil, lugar em que um homem branco, Mr. Watts, passa a ler para as crianças em um espaço educativo improvisado, o romance de Charles Dickens, *Grandes*

¹ Citação retirada do artigo “Cinema & Educação: Diálogo Possível”, disponível em: [sumariopronto \(diaadiaeducacao.pr.gov.br\)](http://sumariopronto(diaadiaeducacao.pr.gov.br))

² A história da Guerra Civil de Bougainville ou, como é mais conhecida, da Revolução dos Cocos, pode ser mais bem compreendida em muitos artigos e sites que trazem os detalhes desse conflito. Maiores informações podem ser encontradas em *A Revolução dos Cocos de Bougainville - Deviante*.

³ O filme completo está disponível em: (290) Mister Pip DUBLADO - YouTube

*Esperanças*⁴, provocando em muitas delas um fascínio pelo garoto órfão, Pip, personagem de Dickens.

O filme, cujo pano de fundo é uma guerra civil dos anos 90, apresenta também uma história de amor à leitura e aos livros, bem como a experiência do inaudito que o contato com as produções literárias pode causar em contextos de crise. O mediador dos encontros de leitura, Sr. Watts, cria no decorrer dos diálogos com os seus alunos um espaço interlocutivo fundamental à compreensão da leitura como uma prática associada à vida e ao contexto de crise em que vivem.

Em muitos desses contextos assolados por experiências históricas traumáticas, alguns sujeitos são destituídos do acesso à cultura. Petit (2009), em suas reflexões sobre a leitura como ato potencializador da resistência em situações sociais adversas, reitera a força da leitura para alguns desses sujeitos:

Trata-se muitas vezes de pessoas engajadas em lutas sociais e para quem o acesso à cultura, ao conhecimento, à informação constitui um direito excessivamente desprezado. Assim como a apropriação da literatura. Ela lhes parece desejável por vários motivos, como veremos: porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos (PETIT, 2009, p.19).

A aproximação com o universo ficcional, no filme, revela em muitas cenas emblemáticas o poder transformador da leitura. Um desses momentos em que o encontro entre leitores e texto se faz potente é a criação dos encontros entre o professor - Sr. Watts - e a comunidade da ilha, em espaço

⁴ O romance *Great Expectations*, escrito pelo autor Charles Dickens, entre os anos de 1860 -1861 e foi considerado pela crítica britânica como uma das obras-primas da literatura estrangeira. Dividido em três partes, foi adaptado para o cinema e para a TV em algumas ocasiões.

improvisado, a partir do qual o universo ficcional reverbera em suas vidas, instigando-os a questionamentos e à compreensão de si próprios como seres humanos situados em contexto de tamanha emergência.

Petit (2009) destaca a capacidade que os livros ficcionais possuem de nos tornarem mais resistentes à dor e ao medo, principalmente por nos colocarem em contato com algumas questões sociais que nos convocam à reflexão, ao socializarmos as nossas experiências, cotejarmos as conclusões com as de outros leitores, discutirmos preferências e ampliarmos as nossas interlocuções em sociedade (ZILBERMAN, 2008).

Os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em idéia e a reencontrar a alegria: nesses contextos difíceis, encontrei leitores felizes. Viviam em um ambiente pouco habituado à felicidade. Seus olhares eram às vezes bastante sofridos. E, no entanto, souberam fazer uso de textos ou fragmentos de textos, ou ainda de imagens, para desviar sensivelmente o curso de suas vidas e pensar as suas relações com o mundo (PETIT, 2009, p.22).

A apropriação da literatura, no filme, materializa-se principalmente nas ações da personagem Matilda, uma adolescente que se encanta pelo enredo de *Grandes Esperanças* e pelas provocações feitas pelo livro, a ponto de levar para a sua vida as suas experiências estéticas de leitura com *Mr. Pip*, ampliando a sua condição de se expressar e compreender as contradições do mundo, de modo a buscar novos projetos para si.

No contexto de destruição e precariedade do cenário em que *Mr. Pip* apresenta a experiência histórica que assolou Bougainville, cabe destacar o poder da literatura, tal como Todorov (2009, p.76) ressalta em suas reflexões sobre a amplitude do texto literário em sua relação com o mundo em suas contradições sociais

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

A leitura, portanto, assume nessa perspectiva um caráter social em que o acolhimento, o encontro e a possibilidade do compartilhamento de narrativas entre os leitores trazem à baila situações de intersubjetividade que estabelecem vínculos entre as suas histórias e os seus contextos culturais, abrindo novos horizontes para a construção de um mundo interior que possa sustentar a autonomia desses sujeitos e a compreensão de si mesmos nos processos histórico-sociais que os constituem (PETIT, 2009).

3. Sobre Literatura e Pedagogia Social: considerações a partir de *Mr. Pip*

A literatura, independente do campo cultural em que se apresenta, suscita reflexões acerca da condição humana e da necessidade do diálogo entre a ficção e as questões emergentes da vida social, de modo a evidenciar a sua concepção humanizadora e formativa, destacando-se como produção histórica e não como algo destinado à fruição e ao enfeite (FILHO, 2002).

Nessa perspectiva, emerge a seguinte questão: sob que ótica, a Pedagogia Social poderá contribuir para a compreensão da leitura como prática sociocultural em constante diálogo com as experiências históricas que nos desafiam?

Possíveis caminhos para uma reflexão crítica diante das situações que permeiam nosso percurso formativo como cidadãos se insinuam no cotejo entre a narrativa cinematográfica *Mr. Pip*, algumas concepções de autores representativos da educação literária e os pressupostos nucleares presentes no domínio sociocultural da matriz teórica da Pedagogia Social, no que tange ao respeito à historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos da aprendizagem; o respeito aos valores estéticos,

políticos e éticos da educação nacional, na perspectiva do desenvolvimento para a vida em sociedade.

A Pedagogia Social, no contexto brasileiro, tende a ser concebida como uma ciência que pertence ao rol das Ciências da Educação, uma ciência sensível à dimensão da sociabilidade humana, ou seja, que se ocupa particularmente da educação social de indivíduos historicamente situados e, em sua vertente crítica, tem seus pressupostos nucleares centrados sobre uma perspectiva da transformação da realidade social e da conscientização das pessoas sobre seu papel no mundo (CALIMAN, 2010).

Sob tal ótica, a sensibilidade aos processos sociais que impulsionam a sociabilidade humana nos leva a pensar em desafios permanentes na práxis da Pedagogia Social, alinhados a três pilares provocadores para o educador social: a) o primeiro pilar é o da construção de sua própria identidade, cujo sentido se estabelece na experiência com o outro; b) o segundo pilar é o da aceitação, ao compreendermos e aceitarmos o outro com suas histórias e memórias, próprias dos seus contextos de emergências; c) o terceiro pilar é o da responsabilidade, em que o comprometimento do educador social é condição para uma aprendizagem efetiva para todos os envolvidos no processo, de modo a se criar uma relação educativa em que educador e educando sejam integrantes de uma mesma realidade, essenciais em sua complementariedade (ARAÚJO, 2012).

Alinhado a tais concepções, Freire (1980) – autor emblemático no campo de estudos da Pedagogia Social no Brasil e no mundo – destaca a relevância dos encontros entre os homens, em experiências sociais que priorizem o diálogo em uma relação horizontal, em que todos têm o que dizer sobre si e sobre o mundo, de modo que surjam cada vez mais caminhos transformadores, a partir do reconhecimento das distintas vozes que circulam em nossa vida social. Para o autor:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens

encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, pp.82-83).

No contexto do filme *Mr. Pip*, a prática de participação social e comunitária estabelecida a partir da leitura dialógica e coletiva em contexto de tamanha precariedade alinha-se à dimensão sociocultural da ciência da Educação Social, ainda que emergja incipiente como prática cultural, ao pressupor aspectos básicos, tais como: a) uma concepção dinâmica do ser humano e do social; b) indivíduos e grupos responsáveis e comprometidos na definição e na gestão da sua comunidade, e dos interesses e aspirações da mesma; c) uma tecnologia participativa e ajustada a cada situação (COSTA, 2006).

As práticas de leitura presentes em *Mr. Pip* reafirmam a literatura como direito humano fundamental, por garantir um conhecimento ao ser humano que poderá situá-lo de forma mais participativa e crítica em sua vida social, bem como o despertar dos sujeitos leitores para as suas responsabilidades como membros de uma sociedade civil, com deveres e direitos civis, políticos e sociais (CHIARETTO, 2008, p.2).

A dimensão humana, na ótica da Pedagogia Social, deve ser resgatada em todas as situações excludentes que ainda persistem em nossa sociedade, inclusive as que deixam alguns grupos sociais à margem da vida cultural, por considerarem apenas as necessidades materiais urgentes na formação desses sujeitos. Acreditamos, contrariamente à perspectiva imediatista e desumana que ainda permeia as nossas relações socioculturais que

[...] o homem rico”, portanto, é o ser “provido de todos os sentidos em profundidade”, pois, além das necessidades físicas, possui necessidades ontológicas. O indivíduo que não carrega necessidades de múltiplas e ricas relações não é, portanto, um ser humano rico nos termos de Marx. No conjunto das necessidades ontológicas, na seara das riquezas da

sensibilidade humana, o conhecimento científico e a arte estão contidos “no mundo inteiro da cultura” (FERREIRA & DUARTE, 2010, p.129)

4. Apontamentos para discussão

O artigo buscou aproximações entre os princípios teórico-metodológicos da Pedagogia Social e a Literatura, por meio do diálogo entre suas interfaces teóricas e a narrativa cinematográfica *Mr. Pip*, de modo a elucidar a necessária relação entre a formação humana, cidadã e social dos indivíduos e os domínios teóricos que fundamentam a ciência da Educação Social e a leitura como uma prática inserida em um contexto social amplo, no qual a alteridade se faz presente como condição para a compreensão das relações humanas em sua complexidade.

Os caminhos metodológicos para o trabalho com a leitura na escola e fora dela podem ser pensados na perspectiva do encontro e do viés social que está no centro dos debates da Pedagogia Social, o qual traz para os espaços de trabalho com os livros a diversidade das vozes e das concepções que permeiam o universo dos leitores, a partir do reconhecimento das suas experiências singulares e da forma como enxergam o mundo pela ótica da ficção, ao se depararem com múltiplos cenários, situações narrativas e personagens que representam o real em suas contradições.

Nosso percurso argumentativo trouxe à baila a potente reflexão acerca do papel da literatura também como um caminho de resistência a situações históricas traumáticas, tal qual a comunidade de Bougainville - cenário de *Mr. Pip* - viveu na ficção e na realidade, ao resgatar sujeitos desesperançosos e profundamente marcados pela experiência da privação material em seus desdobramentos sociais para novas perspectivas de vida, seja pelo caráter acolhedor dos livros, seja pela mediação entre o professor – leitor mais experiente – e os seus interlocutores, seja pela possibilidade de uma formação que não seja apenas intelectual, mas que traga em seu bojo uma reflexão dos leitores sobre o seu papel como sujeitos históricos.

No campo da dimensão sociocultural da Pedagogia Social, destacam-se as manifestações do espírito humano expressas por meio dos sentidos relacionados a atividades artísticas, culturais, religiosas, musicais e outras, de modo a recuperar as dimensões históricas, culturais e políticas que

possam impulsar novas ações sociais repletas de sentido para os sujeitos que delas participam.

O filme *Mr. Pip* propõe, nesse sentido, uma reflexão importante acerca desses sentidos que agregamos às nossas vidas e que podem nos tornar mais humanos, críticos e inseridos realmente em um projeto de vida que nos impulse a novas relações e ações sociais que considerem a alteridade como condição necessária para existir no mundo.

Cabe, portanto, destacar que ler na perspectiva da Pedagogia Social é despertar os sujeitos leitores para as suas potencialidades como seres humanos e sociais, de modo a instigá-los a pensarem em si e na sociedade em que vivem como um espaço alteritário e nas possibilidades de transpor determinismos a partir do universo ficcional, principalmente por assumirmos uma concepção de leitura como uma atividade sintetizadora que nos permite adentrar o âmbito da alteridade sem nos distanciarmos da nossa subjetividade e da nossa história (ZILBERMAN, 2008).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. M. (2012). A Pedagogia Social que fazemos. *Revista Pedagogia Social UFF*, 6(2, 1-14).
- CALIMAN, G. (2010). Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. *Revista de Ciências da Educação*, 13(2, 341-368).
- CHIARETTO, M.(2008). Literatura e Educação: uma proposta de inclusão social. In XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergência. (pp. 1-6). São Paulo, Brasil. Disponível em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARCELO_CHIARETTO.pdf.
- COSTA, A. (2006). Práticas de animação sociocultural. In Curso Tecnológico de Acção Social, Programa de Práticas de Animação Sociocultural. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/praticas_animacao_sociocultural_12.pdf
- FERREIRA, N. B. de P.; DUARTE, N. (2010). Literatura e educação: uma análise marxista. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, 13 (125-136).
- FILHO, A .A. G. (2002). *Educação e literatura*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOLLEBEN, I. M. A. S. (2008). Cinema e Educação: diálogo possível. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>
- FREIRE, P.(1980). *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra.
- PETIT, M.(2009). *A arte de ler, ou como resistir a adversidade*. São Paulo: Editora 34.
- TODOROV, T. (2009). *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL. Trad. Caio Meira.
- ZILBERMAN, R. (2008). O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, 14 (11-22).

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Queiroz de Carvalho, Leticia (2023); Cinema, literatura e Pedagogia Social: Reflexões sobre a leitura a partir de MR. PIP; En: <http://quadersanimacio.net> n° 38; Julio de 2023; ISSN: 1698-4404